

EDITORIAL

Crítica da centralidade do trabalho

Paulo Henrique Furtado de Araujo¹

Mario Duayer²

O presente número da *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas* tem como tema a crítica da centralidade do trabalho. Nas últimas décadas, a tradição marxista tem procurado melhor compreender a categoria trabalho, seu papel na sociedade capitalista e no processo de emancipação humana. Durante algum tempo foi moda falar em fim do trabalho, fim do proletariado etc. No entanto, aqui objetivamos precisar a centralidade (ou não) do trabalho na sociedade em que domina o modo de produção capitalista. Para tanto, apresentamos um conjunto de artigos que abordam diretamente esta questão, tendo por destaque, na maioria desses trabalhos, para além da evidente referência aos textos de Marx, a obra magna de Lukács, *Para uma ontologia do ser social*, e a contribuição teórica de Moishe Postone, cujo ponto alto é o livro *Tempo, trabalho e dominação social*.

O primeiro artigo que apresentamos é do economista marxista indiano Paresh Chattopadhyay, intitulado Sobre alguns aspectos da dialética do trabalho na *Crítica da economia política*. O autor discute as contradições inerentes à categoria trabalho que Marx sublinhara em diversos de seus escritos (trabalho em geral, trabalho abstrato, concreto, necessário e excedente) e explora, ao final, o lugar do trabalho na vida social livre da lógica do capital. Trata-se de um texto rigoroso, embora curto, que pode ser de ajuda aos leitores menos familiarizados com tais categorias.

O segundo artigo é de María Fernanda Ecurra, intitulado O trabalho como categoria fundante do ser social e a crítica à sua centralidade sob o capital. Nele a autora trata da diferença entre o trabalho como categoria fundante do ser social e a centralidade que adquire na sociedade capitalista. Centralidade que unidimensionaliza os indivíduos e produz um tipo especial de dominação social, uma dominação abstrata. A conclusão é a de que a crítica de Marx é uma crítica negativa do trabalho no capitalismo, logo, que a crítica à centralidade do trabalho é um imperativo para a crítica do capital.

O terceiro artigo (Marx e a crítica ontológica da sociedade capitalista: crítica à centralidade do trabalho), de Mario Duayer, na mesma linha do anterior, procura demonstrar que o propósito central da obra marxiana, que

¹ Professor da Faculdade de Economia da UFF e membro do Niep-Marx-UFF.

² Professor titular da UFF (aposentado).

tem nos *Grundrisse* o marco inicial de sua forma acabada, é realizar a crítica da economia política como crítica ontológica da sociedade capitalista. Concordando com a leitura crítica de Postone sobre o valor enquanto forma de mediação social e forma de riqueza no capitalismo – e, ao mesmo tempo, distanciando-se dele no que diz respeito à ontologia –, demonstra que a crítica ontológica elaborada por Marx é crítica da centralidade do trabalho própria e específica da sociedade capitalista.

O quarto artigo, de Ronaldo Vielmi Fortes, As três determinações fundamentais da análise lukacsiana do trabalho: modelo das formas superiores, prioridade ontológica e abstração isoladora, faz a crítica às opiniões de que Lukács sustenta a centralidade do trabalho. O artigo procura problematizar o sentido da expressão *centralidade do trabalho*, buscando a veracidade de tal ideia na última grande obra de Lukács (*Para uma ontologia do ser social*). Sua argumentação demonstra a impropriedade de tomar o trabalho como estruturante de toda e qualquer práxis social, sendo, portanto, imprescindível à compreensão de todos os meandros da realidade societária. Defende a ideia de que, se por centralidade afirma-se o caráter do trabalho como base insuprimível de toda sociedade, isto é, trabalho como prioridade ontológica, este é o sentido utilizado por Lukács em sua *Para uma ontologia do ser social*. Porém, recusa firmemente o uso desta terminologia para sustentar a presença de uma “ontologia do trabalho” em Lukács – ou até mesmo em Marx –, ou, ainda, para sustentar a ideia, estranha à letra lukacsiana, de que “o trabalho é a essência do homem”.

Em seguida temos o artigo apresentado por Moishe Postone, na cidade de São Paulo, no Seminário Internacional *Cidades Rebeldes*, promovido em novembro de 2015 pela editora Boitempo. Neste texto Postone sintetiza rapidamente sua contribuição para a releitura crítica da teoria do valor de Marx, de tal maneira que compreende que a crítica de Marx não é, no seu nível mais fundamental, uma crítica a um modo de exploração de classe feita a partir da perspectiva do trabalho. Pelo contrário, para ele a teoria crítica de Marx desvela e analisa uma forma específica e única de mediação social que estrutura o modo de vida historicamente específico da modernidade capitalista. Essa forma de mediação é constituída por uma forma de trabalho historicamente única e temporal: o trabalho proletário. Portanto, Marx faz a crítica do trabalho proletário. Essa mediação se manifesta em formas de dominação quase-objetivas, abstratas, que não podem ser suficientemente compreendidas enquanto dominação de classe ou de uma entidade política. Tampouco podem ser adequadamente conceituadas em termos do mercado. Mercadoria e capital são as categorias que expressam essa forma de dominação e geram uma dinâmica histórica que está no núcleo mesmo da modernidade capitalista.

Após o artigo de Postone, apresentamos uma entrevista concedida por ele ao pesquisador Henrique Braga em agosto de 2015, com o objetivo de apresentar as suas ideias ao público brasileiro. A entrevista se estrutura em torno de quatro questões: o caminho do marxista canadense a Marx; a relação entre a leitura de Marx por ele e o problema do antissemitismo; o que pensa da recepção de sua obra no interior do marxismo; e como é o ambiente para um acadêmico marxista em uma das mais prestigiosas universidades norte-americanas.

O artigo de Eleutério Prado apresenta uma crítica ao tratamento dispensado por Postone ao papel do proletariado e da luta de classes no processo de emancipação humana. Tal crítica fundamenta-se, em particular, nas contribuições de Dardot e Fausto. E a chave desta crítica se encontra na compreensão das categorias de substância e totalidade por Postone. A partir de uma leitura particular, segundo Prado, este autor termina por considerar o capital descrito por Marx o sujeito hegeliano pleno. De tal maneira que o proletariado se torna uma massa consciente ou inconsciente que serve de suporte ao sujeito hegeliano existente no capitalismo. O arremate de Prado, a respeito de Postone, é de que o “ser emancipado possível que mora no proletariado e que, eventualmente, emerge na história é confundido com o proletariado em sua prática cotidiana e utilitária; o trabalhador enquanto suporte é identificado com a pessoa do trabalhador que luta contra o capital de um modo que pode se transformar em revolucionário”.

O artigo seguinte, de Paulo Henrique de Araujo, intitulado Notas críticas ao artigo Miséria na filosofia marxista: Postone leitor d’*O capital*, por Bidet, realiza a crítica da crítica de Jacques Bidet ao livro *Tempo, trabalho e dominação social* de Moishe Postone. Demonstra a inadequação da compreensão que Bidet tem da teoria do valor-trabalho de Marx exposta em *O capital*, bem como dos limites de um marxismo radicado na crítica epistemológica/gnosiológica que se demonstra incapaz de compreender a forma específica de sociabilidade autoconstituída pela lógica do capital – em outras palavras, incapacidade de compreender a centralidade do trabalho no capitalismo e somente nele. De tal maneira que sinaliza a inadequação da maior parte das críticas que Bidet dirige a Postone.

No artigo Crise do valor: distintas interpretações e uma síntese possível, que fecha este dossiê, Eduardo Sá Barreto e Tailiny Ventura examinam as transformações do modo de produção capitalista, apoiando-se em um conjunto de reinterpretações da teoria marxiana do valor. A partir de *insights* de Marx, presentes especialmente nos *Grundrisse*, alguns autores (Kurz, Postone, Ruy Fausto e Eleutério Prado) apresentam argumentos que, embora sutilmente distintos, em sua essência sustentam que a crescente aplicação da ciência à produção e a resultante redução do

trabalho imediato na atividade produtiva impelem o capitalismo a uma crise estrutural, formando as bases para que o valor deixe de mediar as relações de produção. O artigo reúne essas reflexões, procurando sintetizá-las em uma explicação possível daquilo que muitos veem como sendo um longo processo de crise terminal do próprio capitalismo.

Além do dossiê acerca da (Des)Centralidade do trabalho, este número de *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas* apresenta outros três textos de grande interesse para nosso leitor.

No artigo *Alienación y sectores medios en Pequeño hombre, ¿y ahora qué?*, de Hans Fallada, Francisco García Chicote debate a alienação do personagem principal desta novela tendo por base a situação das classes médias alemãs durante a República de Weimar. Aborda, nesse mister, diferentes interpretações sobre o livro, em especial a de Th. Adorno, e aponta sua contribuição à teoria marxista da alienação.

Por sua vez, Leandro Candido de Souza discute a recepção da estética lukacsiana no Brasil nas décadas de 1960-70, ingresso que se deu num contexto particular de combate à ditadura, de disputas acerca da particularidade da formação nacional e de tentativa de reconstruir o marxismo depois da denúncia dos crimes stalinistas. O texto comenta, especialmente, a influência lukacsiana nas obras de Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder e J. Chasin.

Fechando este número, Ronaldo F. S. Gaspar discute o irracionalismo filosófico e o conservadorismo político presentes no pensamento do teórico alemão Karl Jaspers. O autor concentra a análise na controversa relação prática de Jaspers com o regime nazista, além de avaliar a convergência entre muitas de suas ideias político-filosóficas e as bases ideológicas daquele regime.

Convidamos o leitor a navegar pelos textos e a refletir sobre seu conteúdo.